

DESEJO DE PODER OPRESSOR E DESEJO DE RIQUEZA: ÍDOLOS A EXPULSAR DA “CASA” E DO “CAMINHO”

*Sebastião Armando Gameleira Soares**

Resumo

As forças do mal, que se manifestam em diversos momentos e lugares pela ação do adversário do Reino de Deus, alimentam os desejos de poder e de riqueza na humanidade. O poder torna-se opressor e a riqueza injusta numa sociedade tentada por satanás. Jesus confronta-se com essas forças do mal até mesmo dentro do grupo de pessoas que lhe são mais próximas e que seguem o seu caminho. O desejo de ocupar os melhores lugares e ser o maior entre os demais sempre aflorou no meio dos discípulos e discipulas de Jesus, que tiveram de ser advertidos contra os interesses mundanos que carregavam. Serviço e partilha não são apenas alternativas ao poder e à posse, mas a única maneira humanizante de viver nossa potência de ser.

Palavras-chave: *Desejo. Casa e caminho. Poder e possessão. Serviço e partilha.*

Abstract

The forces of evil, manifested in different times and places by the action of the adversary of the Kingdom of God, fuel the desires of power and wealth in humanity. In a society tempted by Satan, power becomes oppressive and wealth becomes unfair. Jesus confronts these forces of evil even within the group of people who are closest to him and who follow his way. The desire to occupy the best places and to be the greatest among the others always turned up among the disciples of Jesus, who had to be warned against the worldly interests they carried. Service and sharing are not only alternatives to power and possession, but the only humanizing way of living our power of being.

Keywords: *Desire. Home and way. Power and possession. Service and sharing.*

* Bispo emérito da Igreja Anglicana. Fundador do CEBI em Pernambuco. Mestre em Teologia na Universidade Gregoriana de Roma. Mestre em Ciências Bíblicas no Instituto Bíblico de Roma. Mestre em Filosofia na Universidade Lateranense de Roma. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Olinda. Assessor do CEBI.

Introdução

O desejo (e exercício) de poder opressor e o desejo (e posse) de riqueza, que, por sinal, de acordo com a Bíblia e os Pais da Igreja, é sempre injusta, em sociedades baseadas na opressão. Estes são dois aspectos centrais do ministério de Jesus, em sua luta para libertar as pessoas da força tenebrosa dos “espíritos imundos”, manifestações históricas de satanás, o “adversário” do Reino de Deus. Jesus se confronta com essas forças satânicas no meio da multidão, nas sinagogas, no Templo de Jerusalém, em sua própria “casa” (discípulos e discípulas) e em seu “caminho”.

1. O texto: Mc 10,32-45

A. ³²Estavam então no caminho, subindo para Jerusalém, e Jesus ia adiante deles. Estavam assustados e quem o seguia estava com medo. E tomando novamente os Doze à parte, começou a dizer-lhes o que estava para lhe acontecer: ³³“Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos escribas; eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios, ³⁴zombarão dele e cuspirão nele, o açoitarão e o matarão, e três dias depois ressuscitará”.

B. ³⁵E aproximam-se dele Tiago e João, os filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: “Mestre, queremos que o que vamos pedir-te nos faças”. ³⁶Ele, de sua parte, lhes disse: “Que quereis que vos faça?” ³⁷Eles lhe disseram: “Concede-nos sentar-nos um a tua direita e outro a tua esquerda, na tua glória”. ³⁸Jesus, porém, respondeu: “Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu bebo ou ser batizados no batismo em que eu sou batizado?” ³⁹Mas eles disseram-lhe: “Podemos”. Jesus, porém, lhes disse “O cálice que eu bebo, bebereis, e no batismo em que eu sou batizado, vós sereis batizados. ⁴⁰Todavia o assentar-se a minha direita ou a minha esquerda não cabe a mim concedê-lo, mas é para quem isso foi destinado”.

A'. ⁴¹E tendo ouvido, os dez começaram a indignar-se contra Tiago e João. ⁴²Chamando-os para perto, Jesus lhes disse: “Sabeis que aqueles que são tidos como a governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. ⁴³Assim não é, porém, entre vós, ao contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, seja vosso servo; ⁴⁴e quem quiser entre vós ser primeiro, seja de todos escravo. ⁴⁵Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a própria vida para libertação de muitos.

A tradução do texto é a da Bíblia de Jerusalém, com algumas modificações para aproximá-lo mais do teor original. Ao primeiro olhar, já vemos a

composição concêntrica ou em “sanduíche”, evidenciando no centro (B) o que se passa com a mentalidade dos Doze, enquanto A e A' se correspondem com a enfática menção do Filho do Homem, do número dos discípulos (Doze e dez) e da referência à paixão, deixando muito claro o conflito entre a mentalidade de Jesus e a dos Doze¹.

Na primeira parte (v. 32-34) sente-se intensamente a atmosfera de nervosismo e medo, e ouve-se a solene predição que Jesus faz sobre seu próprio destino. Algo de grave está para acontecer na Cidade Santa naquela Páscoa. A predição retoma os elementos essenciais das duas anteriores (cf. 8,31-33 e 9,30-32). Percebe-se que a segunda predição é bastante genérica e breve: “O Filho do Homem será entregue às mãos dos homens e eles o matarão” (9,31). É provável que seu teor seja o mais próximo da palavra original de Jesus. Em sua consciência, parece claro que a perseguição se aproxima e Ele, tudo indica, interpreta-a na linha do destino dos profetas, cuja missão tinha assumido. Quem sabe, no contexto das expectativas apocalípticas da época, podia até sentir esse desfecho (a perseguição e a morte) como dos sinais típicos de que algo decisivo se prenunciava da parte de Deus. Sua vida, sem dúvida, não seria perdida e em vão, ao contrário, com Jesus se manifestaria o julgamento de Deus, ou seja, a vitória de Deus se revelaria. A frase final, porém, da maneira como está (“e, morto, depois de três dias ressuscitará”), provavelmente já é formulada de acordo com a fórmula típica da confissão de fé das comunidades.

Em nosso texto, nesta última predição (cf. 10,33-34), percebemos uma síntese do que se passa no relato final da paixão: sacerdotes e escribas se aliam para condená-lo à morte, tendo-o antes entregado aos gentios (alusão ao julgamento de Pilatos) com a sequência que bem conhecemos: “zombarão dele e cuspirão nele, o açoitarão e o matarão” (15,13-32). É o que os exegetas chamam de *profetia ex eventu*, ou seja, formular em tom de futuro (profecia) o que já se conhece como acontecido. Conclui-se a predição com a confissão de fé na ressurreição. Na primeira predição (8,31-33) há uma menção clara do Sinédrio: “ser rejeitado pelos anciãos e os chefes dos sacerdotes – são os saduceus, o grupo mais importante no Templo e no governo da Judeia, com seus setores leigo e sacerdotal – e pelos escribas (os fariseus), justamente o que se conta em 14,53-72.

Finalmente, os traços da figura do Filho do Homem começam a insinuar sua relação com o “Servo de Deus, oprimido e vitorioso” (o famoso Servo de Yhwh), anunciado em Is 53, o que ficará mais claro ainda na última parte (v. 45). Os Cânticos do Servo foram fundamentais para a meditação e formulação da tarefa profética e do destino de Jesus.

1. O leitor ou leitora pode consultar o “Comentário Bíblico Latino-americano – Novo Testamento: Evangelho de Marcos”, de autoria de Sebastião Armando Gameleira Soares, João Luiz Correia Júnior e José Raimundo Oliva, São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

Na segunda parte da composição (B) sublinha-se o conflito de mentalidade entre os Doze e Jesus. São chamados à cena os dois irmãos, mencionados em vários momentos do evangelho e que fazem parte do primeiro grupo de chamados para o discipulado, núcleo mais íntimo dos Doze ou espelho do conjunto (cf. 1,19-20; 9,8; 13,3; 14,33). Mateus atenua o papel dos dois atribuindo o pedido à mãe (Mt 20,20), afinal são “apóstolos” considerados “colunas” da Igreja” (Gl 2,9; na verdade, são representantes da mentalidade de todo o grupo, do contrário não teriam suscitado a indignação dos demais. Imaginam a glória de Jesus segundo os critérios dos reinos deste mundo e desejam ter privilégios. É a ideologia do “messianismo davídico” que predominava em muitos setores da sociedade judaica (cf. 12,35-37; 14,62; Mt 4,5-11; Lc 4,5-12; Sl 110,1-2). Quem sabe, ao sentir a impotência de pobres que são, facilmente desejam identificar-se com os poderosos, o que caracteriza justamente o processo de alienação da consciência oprimida, pelo qual “o opressor “se introjeta no oprimido”, como nos ensinava o famoso educador Paulo Freire. O que Jesus lhes oferece, porém, é participar de seu destino de perseguição e sofrimento. O cálice a beber poderia ser alusão à Ceia derradeira, quando anunciaria sua morte (14,17-25), e o Batismo, no qual mergulhar, alusão ao começo de sua caminhada (cf. 1,9-11). Na cena do Batismo já há alusão a Jesus como “Servo ou Eleito de Deus”, do primeiro cântico do Servo (cf. Is 42,1), ou síntese entre o título de Servo e o de Cordeiro de Deus, vindo de Is 53 (cf. Jo 1,29-34).

A imagem do cálice, nas Escrituras, pode significar festa, alegria e partilha, o que se vê em diversos textos (cf. Sl 16,5; 23,5; 116,13; Jr 16,7), mas também pode indicar embriaguez, humilhação e sorte de sofrimento (cf. Lm 4,21; Sl 11,6; 75,8; Is 51,17.22; Jr 25,15.17.28). Em Apocalipse é imagem do cruel castigo infligido à idólatra Babilônia (Ap 17,1-8; 16,1-21; 17,6). Se a tomamos no sentido positivo, poderia aludir ao “cálice” que Jesus tem bebido (o verbo está no presente do indicativo – “bebo ou tenho bebido” – e não no futuro, como em Mateus se trata de “devo beber”). Ou seja, tratar-se-ia da ceia partilhada alegremente com pessoas marginalizadas e excluídas, antecipação do banquete do Reino (cf. 2,13-17; Jo 2,1-12). Nos evangelhos temos várias parábolas do Reino comparado a banquete festivo. Doutro lado, em sua vigília no Jardim das Oliveiras, Jesus fala do “cálice” referindo-se a seu trágico destino (14,36), como também parece que é a isso que alude quando anuncia a sorte de Tiago e João, chamados a participar da mesma sorte do Mestre. Possivelmente temos uma ironia no texto quando se fala de estar “à direita ou à esquerda”, pois na hora da cruz quem vai estar nesses “primeiros lugares” são dois bandidos; tudo indica que são guerrilheiros ou “terroristas” (sicários) antirromanos, sentenciados com Jesus, gente da mesma condição de Barrabás (cf. 15,6-7).

Na terceira parte do texto (A’), diante da indignação dos dez discípulos contra os dois companheiros, Jesus chama a atenção para o comportamento dos grandes deste mundo: são vistos como (“parecem como”) quem governa as

nações, provavelmente irônico, pois, na verdade, não o fazem, de fato “as tiranizam”. Quem lê o relato da morte de João Batista em meio ao banquete do Rei Herodes (cf. 6,14-29), percebe muito bem como Marcos pensa a respeito dos “grandes deste mundo”, particularmente tendo presente o diálogo de Jesus com os Doze (6,7), antes do acontecimento da partilha do pão (6,30-44). Há profunda ironia a respeito da mentalidade/ideologia dos “apóstolos” (enviados): é verdade que já se preocupam com o povo necessitado de alimento, mas sugerem solução inteiramente equivocada: “Despede-os para que vão pelos campos e povoados vizinhos comprar para si o que comer”. E a resposta de Jesus é taxativa: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. O que para eles só seria possível se fossem como os que estão no banquete de Herodes: “Iremos comprar duzentos denários...?”, ou seja, só se fôssemos ricos teríamos a solução do problema. Ora, a palavra de Jesus e a narração de Marcos sugerem forte ironia: se fossem ricos e “grandes”, como os do palácio, lá estariam a causar a fome do povo e a morte do profeta que o defendia. Como esperar solução justamente de quem é a causa do problema? Eis a alienação, o milagre se faz quando se chega a superá-la: assumir em primeira pessoa a tarefa do pastor, de reunir e sentir que é sua a dor do povo; identificar-se solidariamente com suas necessidades; verificar o pouco que se tem; trabalhar na organização do próprio povo (“grupos de cem e de cinquenta”); e promover a partilha, criando o banquete alternativo (cf. 6,30-44). Daí resulta abundância até para o futuro do povo (doze cestos).

Em seguida, Jesus se volta para o grupo e diz enfaticamente: “Assim não é, porém, entre vós” (v. 43), com o verbo no indicativo presente; Lucas formula em frase sem verbo: “Vós, porém, não assim” (Lc 22,26) e Mateus tem o verbo no futuro: “Não assim será entre vós” (Mt 20,26). A formulação de Lucas é mais próxima de Marcos. A ênfase de Marcos é que a presença de Jesus em seu meio já garante que o regime de convivência não é como o que se dá entre os que “parecem governar as nações”, as tiranizam e se sentem grandes. “Quem quiser tornar-se grande entre vós, seja vosso servo (*diáconos*) e quem quiser entre vós ser primeiro seja escravo de todos (*dōulos*)” (v. 43). Conclui propondo o modelo do Filho do Homem, explicitando ainda mais a relação com o Servo da profecia de Isaías: a relação com os poderosos das nações, a menção do “Servo” (*diáconos* e *dōulos*), “não vir para ser servido, mas para servir e dar a própria vida para libertação de (em favor de) muitos, a saber, da multidão” (cf. Is 52,13–53,12).

2. O contexto literário do texto

O contexto literário é o próprio livro de Marcos organizado em seis secções e em construção concêntrica. Antes de iniciar propriamente a narração em 1,14-15, temos um Prólogo (1,1-15: os dois últimos versículos (v. 14-15) formam como um “colchete”, ligando o prólogo à primeira secção. No v. 1 anuncia-se: “Princípio da boa-nova de Jesus Messias e Filho de Deus”. É provavelmente o

título para o livro todo (cf. 15,39). A profecia estava se cumprindo no Profeta João Batista e em Jesus de Nazaré. Deserto e Jordão evocavam os inícios da história do povo. Ao ser batizado, Jesus é apresentado como novo início da caminhada do povo, semelhante a Moisés/Josué (cf. Is 63,7–64,3). Mas ainda é pouco, é o “Princípio” (começo e alicerce permanente) da “nova criação” que surge das águas (cf. Gn 1,1-2; Jo 1,1), como nos antigos tempos do dilúvio (Gn 8,8-12). Por isso, o deserto se transforma em jardim (Gn 2), o mundo celestial se une com a terra (o Espírito e os anjos) e as feras, instrumentos de morte, são domadas e convivem em paz (cf. Is 11,1-9; 43,16-21), satanás está vencido.

A. 1,14–3,6: Esta e a secção seguinte situam a narrativa no amplo cenário da Galileia, cujas fronteiras tocam as regiões dos gentios; as duas últimas secções (B’ e A’) lhes correspondem por contraste, situando a narrativa nos estreitos limites do Templo e dos tribunais. Em torno da sinagoga como o grande espaço simbólico onde se elabora e se comunica a ideologia opositora na Galileia, Jesus “princípio” seu ministério de proclamar o Reino de Deus que se manifesta pela vitória sobre satanás, mediante a expulsão dos “espíritos imundos” e o levantamento das pessoas tidas como imundas: quem está “imerso no mar”. São pescadores, mulheres, leprosos, paráliticos, enfermos de toda ordem, publicanos “sentados na coletoria de impostos” que se levantam; gente transgressora do Sábado, como ele mesmo, todas as pessoas tidas como dignas de morte, à margem do sistema. Jesus começa a nova prática das mãos, com as curas que o identificam com as pessoas excluídas (cf. 1,41; 3,5) e a partilha do pão com “publicanos e pecadores” (cf. 2,13-28)².

B. 3,7–6,6a: Agora, à beira-mar, Jesus atrai as multidões e com elas se comunica. É desse ambiente tenebroso que começam a “emergir do mar” seus discípulos e discípulas (cf. 1,16-20.29-31). Jesus toma a iniciativa e institui o grupo dos Doze, os novos pais das tribos, como semente de sua nova “casa”, pois a família carnal já não é mais seu lugar, uma vez que se deixa contaminar também pela ideologia dos escribas que o acusam de aliança com satanás, ao julgar que está “fora de si”, quando, para Jesus, se trata de renhida batalha entre dois reinos e duas casas, entre o forte e o “mais forte”; mas a multidão, os familiares e os próprios discípulos(as) vivem o drama de hesitar entre permanecer no amplo espaço do sistema vigente (simbolizado pelo “mar”) e entrar pela fé na “casa” de Jesus (reconhecer corretamente sua prática libertadora e ter a coragem de segui-lo), mediante nova “prática” de “ouvir” (cf. cap. 4). Os próprios discípulos ainda permanecem amedrontados pela potência do império do “mar” (cf. Daniel e Apocalipse). As potências ameaçadoras assemelham-se às bem conhecidas “legiões” romanas, poder mortal sobre homens e mulheres, no judaísmo e para além

2. Interpretar a prática de Jesus como nova “prática das mãos” (curas e partilha: *casa*) e nova “prática dos pés” (*caminho*), aliadas à “prática do ouvir” e à “prática da visão”, foi sugerido há bastante tempo por um biblista português Fernando Belo, *Lecture Matérialiste de l’Évangile de Marc*, Paris, 1975.

das fronteiras (gerasenos). As mulheres são restauradas na plena feminilidade e cidadania para serem as mães do novo povo das doze tribos. Na verdade, Jesus se torna o Humano universal, já não é reconhecido “na própria pátria, em sua parentela e em sua casa” (6,4).

C. 6,6b–8,26: A secção está bem delimitada pela menção de Herodes no início (6,14-29) e no final (8,14-21). É a sombra assassina que rodeia a missão de “partilhar” o pão. Jesus começa a passar para o grupo dos Doze sua própria “missão” de caminhar, de pobre entre pobres, de abrir novas casas, “dois a dois”, com “autoridade sobre os espíritos imundos”, para curar e cuidar de quem está sob o peso da debilidade (“enfermidades”). Ao abrir-se a missão, Herodes aparece como sinal da perseguição e da morte, cercado no “banquete” pelos grandes do país, matador de profeta, sua sombra rodeia a ação de Jesus e dos seus. Jesus mostra o gesto típico de suas “mãos”, a partilha do pão para o novo povo de Deus (doze cestos); mas para isso os discípulos ainda não estão preparados, dominados pela ideologia dominante, que se levanta avassaladora como o “mar”. Jesus, porém, prossegue no ministério de libertar as pessoas “do outro lado” do mar e declara que a impureza e imundície não é ritual, mas brota do coração, quer dizer, do projeto de vida de cada pessoa, com isto equipara judeus e gentios: purifica a Fenícia pagã (cananeia) e alarga a “prática de suas mãos” às amplas regiões de Tiro, Sidônia e Decápole. Abre, assim, aos gentios tidos como “imundos”, o banquete da partilha do pão (sete cestos). Os dois episódios de partilha do pão formam como uma moldura para a narrativa. Os discípulos continuam com dificuldade de enxergar, é que estão cegos pelo “fermento dos fariseus e de Herodes”, a ideologia que mata o povo, que cega, como ao homem de Betsaida, cuja cura é difícil de operar, mas que é a condição para que se compreenda “o sinal dos pães”.

C'. 8,22–10,52: esta secção do texto se articula claramente com a anterior, mediante a estreita relação entre 6,14-16 e 8,27-30. Isto quer dizer que a “missão” se articula necessariamente com o “destino” de quem a assume. A imagem dominante é a do “caminho” em direção a Jerusalém, caminhada em três momentos. Após a secção que leva ao ponto mais alto a nova “prática das mãos”, põe em evidência a nova “prática dos pés”. Cada momento se inicia com uma palavra de predição da Paixão (8,31-33; 9,30-32; 10,32-34) e outra sobre o destino de quem segue Jesus (8,34-38; 9,33-37; 10,35-45). Ao longo do “caminho”, percebe-se que se trata de nova “prática da visão”, pois toda a secção é emoldurada por cura de cego: 8,22-27: cura difícil de acontecer; e 10,46-52: finalmente alguém segue Jesus “no caminho”. Os discípulos confessam que Jesus é o “Ungido”, mas ainda têm desse título as representações do messianismo davídico que Jesus rejeita (8,27-32). “Ver” é romper com a mentalidade de satanás. Jesus ordena que Pedro o siga: “Passe para detrás de mim” (8,33), que é o mesmo que “venha após mim” (1,17). Logo no início da caminhada é extremamente duro o confronto com o “espírito mudo” que tenta matar. Os discípulos sentem a própria impotência; é

preciso que se disponham a “perder a vida” para salvá-la (8,34-38). Isto significa aceitar não ser o maior nem o primeiro, mas último e servo, ser como crianças, sem pretensões de poder de controle (9,33-40.42). A mulher é restaurada em sua dignidade de igual ao homem (cf. 10,1-12), as crianças são apresentadas como o modelo (v. 12-16). O rico é chamado a solidarizar-se com os pobres e a renúncia se faz em função da partilha: é primeiro quem decide ser último (v. 17-31).

Nosso texto vem coroar a “caminhada”, ou seja, a superação da ideologia do sistema de poder vigente na sociedade, pela passagem à nova “visão” da vida como “serviço” e “partilha”: dar a vida pela libertação da multidão (10,45).

B'. 11,1–13,7: Esta secção corresponde à segunda, quando Jesus estava à beira-mar, na “Galileia”, com a multidão e exercia a nova “prática do ouvir”, enquanto ampliava sua ação, prosseguindo no combate contra satanás. Nascia a sua “casa”, mas seu grupo que emergia da multidão ainda não tinha suficiente fé (lúcida visão e coragem para entrar). Agora, em Jerusalém, o espaço se fecha no “Templo”, centro do sistema, onde será rejeitado como em sua pátria (cf. 6,6a). O conflito chega a sua culminância, e a denúncia. Jesus passa pelo Monte das Oliveiras; como a figueira que seca, não há frutos; a vinha fora arrebatada de seu senhor, as três árvores típicas, que simbolizavam o país e o povo. No coração do sistema está a moeda do ídolo que lembra as legiões (cf. 5,1-20), o imperador; no coração do “Templo” está o cofre do tesouro. Por toda parte estão mulheres oprimidas pela morte (5,21-43) e delas arranca-se a própria vida (cf. 12,38-44). A esperança não está no messianismo davídico, mas no Deus vivo, cujo serviço se exerce nas relações entre as pessoas vivas (12,18-37). Jesus denuncia a articulação do sistema de privilégios políticos e sociais (“primeiros lugares”) com a violenta exploração econômica dos pobres – “devoram as casas das viúvas”, como feras avançam sobre os bens primários das mais pobres dos pobres – e com a religião que vem como ideologia, para tudo encobrir e legitimar (12,38-44). Tal sistema tem de ser destruído, para nada mais serve, de Deus já não é mais a casa. Agora, como nova figueira que brota, é a comunidade nas casas que vai substituir o “Templo” (cf. 13,28-36).

A'. 14,1–16,8(9-20): O conflito leva Jesus à condenação e à morte. Entre os discípulos ainda há ambiguidades relacionadas com riquezas (cf. 14,5.10), enquanto as mulheres reconhecem Jesus e o acolhem, assumindo seus gestos de “quebrar” seu corpo e “derramar” o sangue (14,1-11). Sob a sombra da traição de sua própria “casa”, dão-se a “ceia” derradeira e sua vigília angustiada (14,17-42). Jesus é preso, julgado e torturado, pelo Sinédrio e pelo poder romano (cf. 3,6). Jesus morre na cruz e é sepultado. Satanás, através dos poderes deste mundo, parecia ter finalmente vencido. São as mulheres a anunciar o novo nascer do “sol”, novo começo do mundo, quando tudo se fazia escuridão. É então que tudo tem de recomeçar a partir da Galileia, a “Galileia das nações” (cf. Mt 4,12-17), o mundo.

3. Reflexão

Jesus conhece bem as Escrituras, sobretudo a corrente profética com a qual se identifica. Por esse conhecimento profundo e por sua aguda percepção da vida, vê claramente que o desejo (e exercício) do poder opressor e o desejo (e posse) de riqueza são algo central na vida humana. Por isso, em sua tarefa de conscientização do povo e, sobretudo, das pessoas que participavam de sua “casa” (cf. Mc 4), chamou ao centro de sua atividade e mensagem a questão do poder e da posse. Se lermos Amós, Oseias, Isaías, Jeremias, Ezequiel e ainda Daniel e o Apocalipse de João, percebemos que, na Bíblia, poder opressor, riqueza à custa dos pobres e militarismo dos Estados são compreendidos como ídolos a desafiar na história o poder de Deus. Basta conferir a clássica fábula de Joatão (Jz 9,7-15), na qual se reflete sobre a origem do poder opressor. É impressionante constatar que, em sua última viagem, consciente da gravidade do que o aguardava em Jerusalém, Jesus só tratou desses dois temas, os quais estão intimamente articulados entre si. Em seu “testamento” deixa claro que se trata do que é antropológicamente central na vida humana. A nova “prática dos pés” significava caminhar na direção de “nova prática da visão” para enxergar além e romper com a ideologia que “fermenta” o sistema social, só então se entende a nova “prática das mãos” e a ela se chega, com o poder feito serviço, e a posse feita partilha. Nisto consiste o coração de sua mensagem. E aí é que acontece o milagre maior. É que “poder” e “posse” são as duas dimensões centrais da vida. A conversão à Boa-nova, o novo alicerce em que tem de apoiar-se firmemente a mudança de vida (cf. 1,14-15), é radical mudança antropológica. Não se trata apenas de novas crenças ou de nova linguagem ou prática de religião, trata-se, sim, de ser “nova criatura”, algo tão radical que se compara a “nascer de novo”, como nos ensinam os apóstolos João e Paulo. É que o poder é o que nos estrutura. Não apenas “temos poder”, mas, na verdade, “somos poder”.

Poder, na verdade, é a capacidade do ser de perceber o mundo e agir para realizar a si mesmo, construindo-se e modificando a realidade ao seu redor. O vocabulário já é expressivo por si mesmo: poder, potência, potestade, posse, possibilidade, possível... Em última análise, poder é capacidade de ser, é ser possível. Ser é poder, e isto se dá em todos os graus, desde os minerais, os animais, até os seres humanos. A particularidade do ser humano é que tem a maravilhosa possibilidade de referir-se conscientemente à totalidade. Aristóteles, o grande filósofo grego, definia a alma humana (capacidade de conhecer) como sendo de certo modo todas as coisas. Pela consciência, como se diz hoje, o ser humano pode trazer o mundo para dentro de si e, de certo modo, apropriar-se de tudo. Os filósofos estoicos definiam o ser humano como “microcosmos”, reflexo do universo. Ao “sentir e pensar”, a realidade exterior começa a fazer parte de nós, e esse processo não tem fim porque pretendemos abarcar a universalidade. Mas não basta. “Desejamos” ter efetivamente em nós a totalidade, nosso corpo deseja ter as dimensões do mundo. Finalmente, “agimos” para que nosso desejo se torne realidade, se torne posse. São as três dimensões do poder em nós: sentir e conhecer, desejar e agir. Em vista disso é que se desenvolvem nossas relações interpessoais e coleti-

vas (estruturais). Nelas experimentamos prazer, dimensão erótica da vida e utilidade, dimensão econômica. E de maneira insaciável, pois não queremos apenas algumas coisas, queremos todas as coisas. Daí por que o poder e a posse não têm limites; quer dizer, é natural que não os tenham: queremos ser e possuir “tudo”.

Há dois caminhos opostos que podemos trilhar. A outra pessoa pode ser sentida como parceira, colaboradora, com quem sou chamado(a) a compartilhar o poder e a posse. Se sou limitado(a), só serei capaz de alcançar o conjunto do real pela mediação de outros seres humanos que, com suas diferenças, me completarão e serão para mim a condição de plenitude. Neste caso, a dimensão coletiva, a alteridade, é percebida e aceita como constitutiva de minha própria identidade pessoal: serei mais, poderei mais na medida em que me abrir a acolher as outras pessoas em mim, como dizia o poeta Ferreira Gullar: “É evidente que o sentido da vida são as outras pessoas”. É o que nos ensina a mais elementar Psicologia quando analisa o processo de amadurecimento humano. Mas, absurdamente, podemos trilhar outro caminho. Perceber os próprios limites e a própria relatividade pode causar insegurança e medo de perder-se, como se outrem me ameaçasse como concorrente e adversário. É o que se expressa na famosa frase do filósofo Hobbes: “O ser humano é lobo para o ser humano”, ou no dizer de Sartre: “O inferno são as outras pessoas”. A disputa de “lugar” (poder) no mundo é a fonte da violência e tem sua raiz na não aceitação da própria condição existencial de ser limitado. Como diz o falecido grande antropólogo René Girard: desejamos “imitar-nos reciprocamente” (“mimetismo”), e, quais “irmãos gêmeos” que se assemelham, ser como os outros seres humanos na busca de todo o poder; mas, para “ser como” eles, temos de ser “em seu lugar” (com seu poder) e, finalmente, temos de “ser eles”, e para tanto é preciso eliminá-los... Trata-se de um “círculo de morte”: a partir do medo de perder-se, a pessoa se projeta em falsa imagem de si que lhe oferece ilusão de poder, em outras palavras, nega-se a si mesma, seu narcisismo é máscara da morte de seu “eu real”. É assim que surgem os ídolos: imagens inautênticas de si às quais a pessoa se sacrifica e se imola. Freud nos pode ajudar a compreender como a falsa imagem de onipotência (divina) só esconde o medo de perder-se, é pura projeção e fuga da realidade. Na Bíblia, a idolatria é a raiz da violência do poder, como se pode ver no livro da Sabedoria a partir do cap. 13, assim como, por exemplo, nos Sl 135 e 146 e em textos de Isaías (Is 44,9-20), ou em Rm 1 e Ap 17-18. Da mesma forma é idólatra quem abdica do poder inerente a seu ser, submetendo-se à vontade de outrem, e, em vez de assumir a vida como recíproca “troca de serviço”, por medo se submete à “servidão”. A falsa busca de segurança para achar “lugar na vida” pode levar a renunciar à totalidade em troca de satisfação dos desejos imediatos; pondo-se à sombra protetora de algum “senhor”: renuncia-se à “transcendência” pela ilusória segurança menor de identificar-se com o “ídolo” protetor.

Na Bíblia isso aparece claramente na dificuldade do povo de arriscar a passagem pelo mar (cf. Ex 14,10-12), no desejo de voltar à “terra da servidão” antes que enfrentar a fome no deserto (cf. Ex 16,2-3; cf. Ex 32,1-6). O passo para

superar o impasse é a fé, enquanto tomada de consciência ou “leitura lúcida” da realidade e a coragem para trilhar novos caminhos. O primeiro passo é perceber que se está “imerso” na relação de idolatria, alienado(a), “sendo poder em outrem” e, por isso, expropriado do próprio poder, como se vê nas cenas de expulsão dos “espíritos imundos” (Mc 1,21-28; 3,23-27; 5,1-14; 9,14-29). A tomada de consciência deve provocar a “conversão”, isto é, a volta à própria autenticidade, ao próprio poder de sujeito, pois aí é que se acha a ponte para a transcendência (Deus). Jesus sempre declara: “Tua fé te salvou”. É este um tema central em 1Cor 1-4: “evangelizar” é ajudar as pessoas tidas como fracas e pobres a perceber (nova visão) que nelas está “a sabedoria e o poder de Deus” e assim romper com “sabedoria de palavra”, o que Marx chamaria de “ideologia”, falsa consciência, e abrir-se a acolher “a palavra da cruz” pela qual se revela que a solidariedade de Deus é com as pessoas que estão crucificadas pelo sistema deste mundo. Assim, os poderosos são denunciados: “Nenhum dos príncipes deste mundo conheceu” a sabedoria de Deus (1Cor 2,1-9)³.

O caminho alternativo e redentor não é “ser como”, mas “ser com”, aceitação profunda das diferenças e dos próprios limites. Ora, “aceitar” a outrem supõe simultaneamente “aceitar-se” a si próprio. Assim, frente ao poder só há dois caminhos, e Jesus o vê claramente: ou apropriar-se do mando e das coisas para mascarar a indignidade interior, a insegurança e o medo; ou abrir-se à “convivência” mediante o serviço recíproco e a partilha dos bens. Deste modo, pode haver submissão recíproca (“obediência”: escuta atenta, ouvido voltado às necessidades de outrem) e renúncia a bens, sem temor de perder-se (cf. Mc 8,34-38; 10,13-31). Liberdade e poder são o oposto de necessitar. Só é “em si”, na posse de si, quem já não é “para si”, mas “além de si”. Pois bem, chegar a ser “todo-poderoso” é não mais necessitar de “mostrar-se poderoso”, é renunciar ao poder, ou seja, é a suprema capacidade de dispor de si a ponto de entregar-se totalmente, como aparece em Jesus (cf. Mc 10,35-45; Fl 2,5-11). É “capacitar” outras pessoas, ser capaz de comunicar poder, o que é justamente o dinamismo do amor, poder divino que faz de si o que quer, como se vê em Jo 1,14. Por isso, Cruz é simultaneamente Ressurreição e derramamento do Espírito (cf. Jo 12,32; 19,25-30). É assim que se pode compreender a profundidade das palavras de Jesus sobre “perder a vida” para poder “achá-la” (Mc 8,35). Para que seja possível é preciso que na base das relações entre as pessoas e com o mundo haja um profundo sentimento de confiança e de abertura, que é o amor. É o que a Bíblia também chama de fé ou firmeza (*fides*), que se funda na confiança (*fiducia*) e cresce na fidelidade (*fideltas*). Lutero nos ajudou a compreender melhor como a fé nos leva a superar o medo de viver e o senso de inferioridade, sempre presentes no sentimento de culpa. A fé é “leitura lúcida” da própria realidade, visão, conhecimento autêntico

3. Desenvolvi mais esta reflexão sobre a Primeira Carta aos Coríntios no fascículo *Palavra da Cruz x ideologia*: para que não se esvazie a Cruz de Cristo, da série Palavra na Vida, n. 99, São Leopoldo: CEBI, 1996.

e intimidade profunda consigo, o contrário de “ideologia”, legitimadora da “necessidade” de poder e de posse.

É por isso que a fé possibilita “obediência”, isto é, voltar o ouvido às necessidades da realidade, fora e dentro de nós, e responder a elas. Ao aceitar a própria verdade existencial de poder e limite, a pessoa ultrapassa a si mesma pela confiança em que a totalidade da realidade a complete. É o que se chama “experiência de transcendência”. Ora, dizer “transcendência” é dizer Deus, o Deus vivo, que se revela na relação concreta que estabelecemos com a realidade das pessoas e das coisas, e convida a ir sempre mais além de si mesmo, é negar os ídolos. É a profunda verdade da Bíblia: “No amor não há temor” (1Jo 4,18). Acha o “Caminho” quem chega a compreender que “ganha a própria vida quem a entrega”, pois já venceu todo temor de perder-se (cf. Mc 8,34-38). É a experiência do *xalôm*, da felicidade, da posse de si.

Jesus faz com seu grupo aquilo que hoje se chama o processo de “pedagogia da liberdade”, exemplificada no que se vê na caminhada final que culmina com nosso texto. É preciso convidar as pessoas a se transportar para novo espaço (da “casa” e do “caminho”), o ambiente do “Reino” que o Apóstolo Paulo vai chamar de *ecclesia*, a “assembleia alternativa” onde poderemos experimentar as novas relações de serviço e de partilha. João vai falar de “vida eterna”, nova qualidade de vida que se experimenta como plenitude que já não tem fim. “Serviço” e “partilha” não são alternativas ao poder e à posse, mas a única maneira autenticamente humana de viver nossa “potência” de ser, concretizar, em múltiplas possibilidades e capacidades inerentes a nosso ser (cf. 1Cor 12-14; Rm 12). O horizonte da experiência de “comunidade”, em serviço e partilha, nos amplia para as dimensões da totalidade da criação, conforme lemos nas cartas aos colossenses e aos efésios e em Rm 8. É que deixar-se arrebatado pelo vendaval do Espírito nos leva à universalidade que é nosso desejo originário: “ser todas as coisas”, ampliar nosso corpo à comunhão total, expandido às dimensões do universo, experiência de ser “aumentado” e, ao mesmo tempo, de se sentir “autor”, que é o núcleo da noção de poder (*auctor*, em latim, deriva do verbo *augere*, fazer crescer, aumentar). Essa experiência holística vai-se dando em nosso dia a dia, quando “economia” (lei da casa) se torna para nós administração da “casa comum”; “ecologia” se assume como “lógica da casa”, a ser respeitada; e ecumenismo como relações que traduzem a convicção de que na “casa comum” todas as pessoas e povos têm pleno direito a permanecer, a habitar. Estamos no coração do Evangelho e do processo de evangelização. Eis o caminho a seguir”⁴.

Sebastião Armando Gameleira Soares
E-mail: sgameleira@gmail.com

4. O leitor ou leitora achará esta reflexão mais desenvolvida em DIETRICH, Luiz José (org.). *Ser é poder*. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: CEBI 2002, capítulo “Somos poder”, p. 10-25.

Bibliografia

BELO, Fernando. *Lecture Matérialiste de l'Évangile de Marc*. Paris, 1975.

DIETRICH, Luiz José (org.). *Ser é poder*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2002.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira. *Palavra da Cruz x ideologia*: para que não se esvazie a Cruz de Cristo, da série “Palavra na Vida”, n. 99, São Leopoldo: CEBI, 1996.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz; OLIVA, José Raimundo. *Evangelho de Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.